



# O ENSINO REMOTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO POPULAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: OS CÍRCULOS DE DEBATE DA REDE EMANCIPA

Iago Vernek Fernandes<sup>1</sup>  
iagovernek@gmail.com

Laura Butti do Valle<sup>2</sup>  
laura.vbutti@gmail.com

Mariana Lima Loterio<sup>3</sup>  
marilima.geo@gmail.com

## Resumo

*Este artigo busca discutir a Educação popular em tempos de pandemia, pensando nas desigualdades de acesso a internet e dispositivos que permeiam as diferentes realidades pelo Brasil, destacando o aumento das disparidades impulsionadas pelo Ensino Remoto. Em contraponto a essa situação, destaca-se a importância da realização dos círculos de debate, inspirados na metodologia de Paulo Freire, buscando a construção democrática do conhecimento. Para isso, o artigo traz o relato a partir da experiência de duas unidades de cursinhos populares pré-vestibular, da rede Emancipa: a unidade Bitita, localizada em São Paulo, capital e a unidade Antônio da Costa Santos (Toninho), localizada em Campinas/SP.*

**Palavras-chave:** Educação popular, Pandemia, Círculos de Cultura, Círculos de Debate

## Introdução: As disparidades de acesso à educação em contexto de pandemia e a Educação Popular

O ano era 2020, no mês de Março. Jornais, na TV, noticiavam que um vírus, bastante mortal, avançava rapidamente pela Europa, após uma onda de contaminação na Ásia Oriental, sobretudo em território chinês. Devido à vasta rede de conexões entre os países, facilitadas por meios de transporte velozes, como o avião, a COVID-19 se espalhou por todos os continentes e logo chegou ao Brasil. O isolamento social, por meio da quarentena, foi estabelecido por tempo indeterminado, obrigando escolas e outras instituições a adotarem o trabalho e ensino remotos.

Naquele momento, somente 14% das escolas públicas no país tinham um “ambiente ou plataforma virtual de aprendizagem”, sendo este índice de 64% na rede particular, conforme as pesquisas TIC Educação e TIC Domicílios 2019 (Cetic/NIC.br). Em nível regional, enquanto no

---

<sup>1</sup> Professor da Rede Municipal de Educação de São Paulo (SP)

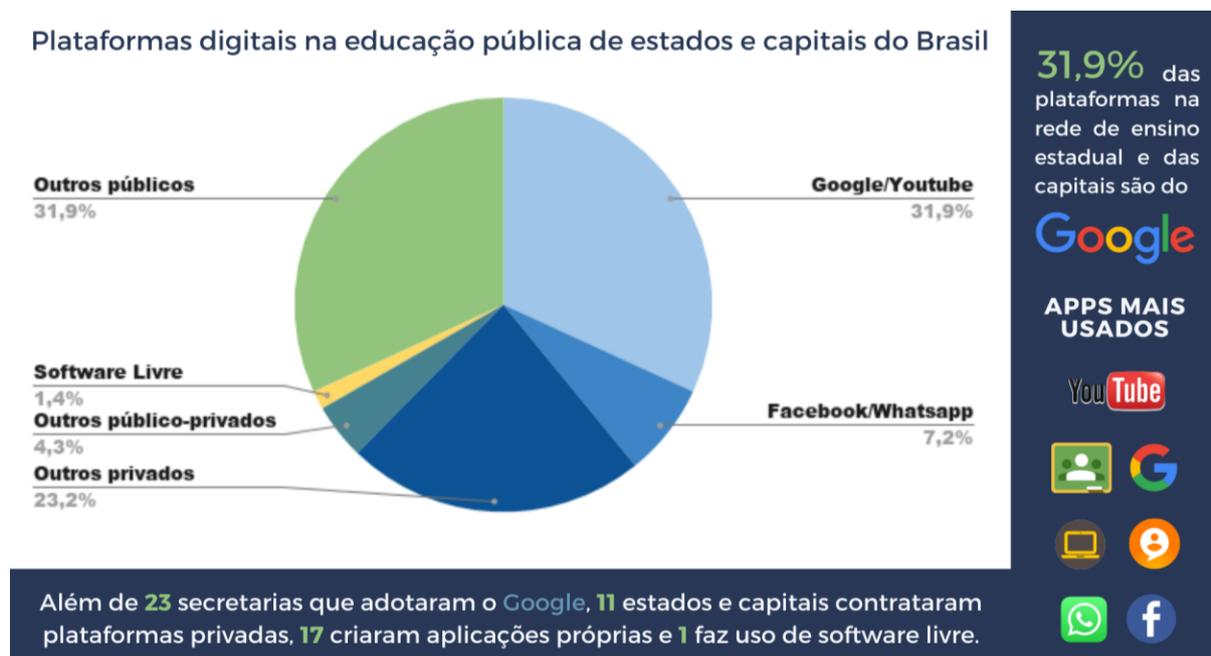
<sup>2</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

<sup>3</sup> Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



Sudeste, 88% dos estudantes estavam conectados à internet, no Nordeste eram 73%, sendo que, na área rural, somente 40% das escolas possuíam um computador com acesso à rede<sup>4</sup>.

Pouco se alterou desde então e o acesso precário à internet, bem como às tecnologias de comunicação, continua a ser uma barreira ao novo modelo educacional<sup>5</sup>. Diante dessas situações, assistir vídeo-aulas, baixar materiais ou, simplesmente, manter uma rotina de estudo se tornam atividades desafiadoras e excludentes. No entanto, secretarias de Educação e colégios foram unânimes na adoção de ferramentas e estratégias de ensino remoto, sobretudo a partir do uso de tecnologias digitais. As justificativas para tais mudanças têm, muitas vezes, razões econômicas que superam as questões pedagógicas, indo além das adaptações pandêmicas.



De acordo com levantamento do Instituto Alana, Educadigital e Intervezes, quase 70% das escolas públicas estaduais e municipais das capitais brasileiras contrataram plataformas privadas durante a pandemia. Das 53 secretarias de ensino mapeadas, mais de 20 adotaram serviços do

<sup>4</sup> Outra questão relevante é que 58% dos brasileiros usam a internet exclusivamente pelo celular. Na área rural, esse índice sobe para 79% e entre as classes D e E, para 85% (Cetic/NIC.br). Dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) mostram que 55% dos acessos móveis no país se dão por planos pré-pagos, muitos deles com pacotes básicos de dados.

<sup>5</sup> No dia 11 de Junho de 2021, a Lei nº 14.172, oriunda do PL 3.477/2020, foi promulgada pelo Congresso Nacional, que derrubou um veto integral do presidente Jair Bolsonaro, destinando R\$ 3,5 bilhões para estados e municípios, a fim de garantir conexão de internet para estudantes e professores da rede pública. A lei utiliza parte dos recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), congelados há cerca de 20 anos.



Google, o que representa 31,9% das aplicações utilizadas<sup>6</sup>. Por outro lado, algumas secretarias desenvolveram ou aprimoraram aplicativos e ambientes virtuais de aprendizagem (ava) próprios. No Tocantins, a aposta se deu em um software livre: a plataforma Moodle.

Se restavam dúvidas em relação às consequências dessas transformações, o Exame Nacional para o Ensino Médio (Enem) revelou um aprofundamento das desigualdades sociais na educação básica. Enquanto na edição de 2020, mais da metade das pessoas inscritas não compareceram (presencialmente) no dia da prova, a edição de 2021 bateu recordes negativos de inscrições, sendo o menor número de candidaturas desde 2007.

Para além do acesso, uma iniciativa de acadêmicos e organizações sociais, sob o título “Educação Viglada”, já alertava em relação ao avanço das corporações privadas de tecnologia sobre a educação pública. A pesquisa verificou que 65% das universidades e secretarias estaduais de ensino, em cidades com mais de 500 mil habitantes, estão expostas ao chamado “capitalismo de vigilância”, termo utilizado para designar modelos de negócio baseados na ampla exploração de dados pessoais via inteligência artificial<sup>7</sup>.

Por outro lado, através da organização coletiva e da experiência da escassez, diversas comunidades fazem uso de tecnologias e meios de comunicação alternativos, muitos ancestrais. Na pressão sobre as instâncias governamentais, no trabalho coletivo de base e no resgate da cultura popular, estão contidas estratégias de caráter político para (re)viabilizar o território a serviço das suas potencialidades.

É nesse sentido que atua a Rede Emancipa de Cursinhos Populares, um movimento social que desde 2007 constrói um trabalho voltado à educação de jovens de escolas públicas, a partir da organização de núcleos comunitários e cursinhos pré-universitários, gratuitos e voluntários. A rede

---

<sup>6</sup> Um levantamento do New York Times mostrou que em 2020 a Amazon, Apple, Google, Microsoft e Facebook faturaram 1,2 trilhão de dólares, 25% a mais do que elas lucraram em 2019.

<sup>7</sup> Em meio à reorientação dos currículos pedagógicos para o uso de tecnologias digitais, o Instituto Alana, Educadigital e Intervoices – organizações que defendem a democratização da comunicação, bem como os direitos de crianças e adolescentes – elaboraram o guia interativo “A Escola no Mundo Digital”. O material traz, entre outros elementos, uma problematização sobre a importância da proteção de dados pessoais dos estudantes: 1. garantir que eles não se tornem um instrumento de exploração comercial; 2. proteger crianças e adolescentes de riscos à sua segurança e integridade física, psíquica e sexual; 3. impedir a consolidação da vigilância e o reforço da discriminação; 4. diminuir riscos e ameaças à privacidade; 5. proteger também a segurança, integridade e privacidade de professores e gestores escolares; 6. desenvolver práticas educativas em cidadania digital nas escolas (VERNEK, MEIRA & GONSALES, 2020).



tem buscado, nesses tempos, superar situações sociais que excluem os pobres de um ensino de qualidade, para além do que fornece o Estado. Diante da atual estrutura, o vestibular é mais uma das barreiras sociais que separam a classe trabalhadora do acesso à universidade.

Ainda na década de 1960, fornecendo as bases de uma pedagogia libertária, junto de assentamentos rurais, Paulo Freire propôs um método de diálogo aberto nos territórios que valorizava a diversidade de opiniões e experiências das pessoas, conectadas por uma linguagem e problematização em comum. Denominado Círculo de Cultura, DANTAS (2010) diz que se constitui enquanto:

locus da vivência democrática, de formas de pensamentos, experiências, linguagens e de vida, que possibilita o estabelecimento de condições efetivas para a democracia de expressões, de pensamentos e de lógicas com base no respeito às diferenças e no incentivo à participação em uma dinâmica que lança o sujeito ao debate, focando os problemas comuns.

Assim tem origem os círculos de debate na Rede Emancipa, por meio da mesma busca ativa de estimular a participação horizontal de estudantes e professores. Essa forma mais democrática de construção do conhecimento, inspirada em Paulo Freire, consiste no compartilhamento livre de opiniões e experiências relacionadas a temas de interesse comum entre estudantes e professores. Para o autor,

a verdadeira comunicação não admite uma só voz, um só sujeito, uma transmissão, uma transferência, uma distribuição, um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes, alteridade cultural, independência e autonomia dos sujeitos, inúmeros discursos, enfim, estruturas radicalmente democráticas, participativas, dialógicas (FREIRE, 1987, p.96).

O objetivo aqui é o mesmo para todas as pessoas: libertarem-se da passividade em relação à informação e ao conhecimento. “Assim é que os segmentos populares conscientizados buscam sua autoemancipação comunicativa. O fazem numa perspectiva coletiva, tanto no sentido de gestão e uso dos espaços na programação, como no conteúdo das mensagens que são transmitidas” (PERUZZO, 2004 p. 34). Para MARTIN-BARBERO (1999 p. 78-79)

estes movimentos, pequenos, em sua maioria, inarticulados, à medida que se articulem [...] irão criando redes de formação de cidadãos que vão ser muito eficazes, para fazer com que essas vozes dispersas comecem a tomar corpo no espaço regional e, inclusive, no espaço nacional.



## **A centralidade dos Círculos de Debate: refletindo a partir do relato de duas unidades da rede Emancipa**

Neste contexto, o cursinho popular enfrenta a difícil tarefa de buscar pelo equilíbrio entre cumprir o extenso currículo cobrado pelos vestibulares e construir espaços para a formação enquanto movimento social. A partir do momento que a proposta inclui auxiliar os alunos no caminho até o seu espaço de direito dentro da universidade pública, é preciso adequar o funcionamento para que um dos pilares, a formação política e social, não seja engolido por cronogramas de aulas lotadas de conteúdos regidos por esse ritmo frenético comum em cursinhos pré- vestibular particulares.

Dentro das aulas de geografia, por exemplo, sempre há espaço para debates que levam em conta questões ligadas ao racismo, gênero, classe e sexualidade, mas ainda assim o caminho didático e os conteúdos acabam sendo pensado pelos professores a partir do cronograma institucional, onde o apelo para participação dos alunos acaba sendo limitado. Quase como um paradoxo, a continuidade das aulas e seus conteúdos foi, muitas vezes, debatida e pensada dentro das reuniões dos cursinhos e adquiriram novas nuances nesse contexto de pandemia, onde as desigualdades sociais, contextualizadas no começo do artigo, só cresceram e atingiram grande parcela dos nossos alunos.

Assim que as aulas presenciais foram suspensas e a gravidade da situação começou a se materializar e tomar formas mais definitivas, iniciou-se na educação, de modo geral, um período de adaptação muito conturbado, onde alunos e professores foram levados ao limite. Dentro da educação pública e popular, essa conjuntura foi agravada pela falta de acesso, de infraestrutura e formação, além do avanço brutal da COVID-19, da fome e outros problemas.

### **Emancipa Toninho**

Em 2011 é inaugurada a unidade Toninho, com aulas no período da noite em salas da Universidade Estadual de Campinas. Desde o início das atividades, a maior dificuldade prática era a reivindicação do espaço dentro da universidade pública, o estabelecimento de contato próximo aos alunos e a superação de questões burocráticas que impediam a oferta de aulas, ou se davam em salas vazias, em diferentes institutos da universidade.

Devido à pandemia e ao consequente cancelamento das atividades na UNICAMP, o formato das aulas e atividades passaram por diferentes formatos. Em um primeiro momento, após



uma consulta junto aos alunos, as aulas começaram a ser gravadas em vídeos de até 15 minutos e disponibilizadas durante a semana. Para não perder totalmente o contato, círculos de debate foram mantidos de forma online e síncrona.

A primeira atividade proposta foi a discussão do disco “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais Mc’s. Nos cinco encontros, os debates foram guiados pelas faixas de música em uma atividade que reuniu professores de diferentes disciplinas e uma quantidade expressiva de alunos. A participação dos mesmos superou qualquer aula ou simulado proposto até aquele momento e diferentes temas foram abordados, tanto de literatura, justamente por ser uma das obras obrigatórias do vestibular da UNICAMP, quanto de história, sociologia e geografia.

A discussão sobre o espaço geográfico, suas contradições e agentes se cruzou com as letras do Rap e as vivências relatadas pelos alunos. Questões ligadas à segregação do espaço urbano, encarceramento em massa e o racismo estrutural foram mais discutidas do que em qualquer outra atividade do semestre, pois alunos e professores estavam genuinamente interessados na construção do debate, formado a partir do diálogo e da experiência individual e coletiva, centrais nos círculos.

Após esse momento, todas as atividades passaram a ser síncronas e mantivemos, periodicamente, uma semana livre exclusiva para os círculos de debate. No ano de 2021, demos sequência às experiências positivas do ano anterior, onde destaca-se a busca por engajamento dos alunos junto a um problema sério de evasão, que ocorria antes, mas nesse tempo pandêmico foi potencializado.

As dificuldades que a pandemia e o EAD trouxeram foram perceptíveis também em salas de aulas online cada vez mais vazias, onde a manutenção de uma semana sem aulas regulares e dedicadas a outras práticas foi uma boa alternativa para amparar os alunos. Logo no início do ano, em uma reunião com professores, plantonistas e alunos, foram levantados temas de interesse a serem discutidos e os alunos ficaram responsáveis por mediar alguns desses debates.

Até o momento foram realizadas a semana da pandemia, com diversas discussões passando por fake news e saúde, consumo de drogas no isolamento, desigualdade e educação entre outros temas. A outra semana teve círculos de debate pautados na diversidade com a discussão de filmes, músicas e conversas sobre movimentos sociais, racismo e sexualidade. A participação continua sendo expressiva nesses momentos e neste espaço contamos, inclusive, com a



participação de alguns alunos que já não estão conseguindo acompanhar as aulas regulares, por diferentes motivos.

### **Emancipa Bitita**

O cursinho popular Emancipa Bitita nasce no município de São Paulo, em um contexto pré-pandemia, no ano de 2019, a partir da necessidade da população imigrante em ter acesso à educação. O cursinho surge em parceria a um projeto de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para imigrantes que ocorre há aproximadamente 6 anos na EMEF Infante Dom Henrique, no bairro do Canindé, em São Paulo.

Ao final de 2019, com o projeto de português consolidado, a coordenação entendeu que este contexto social e intercultural exigia estratégias educacionais sensíveis à heterogeneidade da população local, até porque a procura e participação de imigrantes vinham gradativamente aumentando, seja no âmbito do EJA (Educação para Jovens e Adultos) ou nos cursos propriamente ditos de língua portuguesa, como o PLAc, sendo assim, o objetivo de cada um desses estudantes é diverso, revelando-se, também, no desejo de ingressar em cursos técnicos e tecnológicos superiores, acessar à educação superior e/ou inserir-se no mercado de trabalho.

Em 2020, foi selada parceria com a Rede Emancipa de cursinhos populares, cujo princípio norteador é a defesa da educação pública, gratuita e de qualidade como direito de todas e de todos. Contudo, também em 2020, o cursinho, antes de iniciar as suas aulas presenciais, precisou se deslocar para o formato de aulas remotas devido à crise sanitária de Covid-19. Tal mudança inesperada provocou a mobilização de todos os envolvidos em um curto período de tempo, para atender a necessidade dos estudantes, ao mesmo tempo em que foi necessário capacitar os professores sobre as metodologias da educação à distância.

Assim, o Bitita inicia as suas aulas em 2020 em formato totalmente online e de lá para cá, várias mudanças foram feitas, tanto no formato das aulas, quanto na duração e na escolha das plataformas digitais, buscando melhor se adequar às diferentes realidades dos estudantes. Observando problemas parecidos em relação à evasão e baixa frequência, sobretudo por conta do trabalho, os círculos, bem como os saraus e as formações, se tornaram boas alternativas pedagógicas, ampliando o comprometimento de todas as pessoas com o cursinho.

Uma das atividades, em diálogo com a unidade parceira em Campinas (SP), enfocou a problemática urbana e racial relacionada ao álbum “Sobrevivendo no Inferno”, dos Racionais Mc’s.



Ao mesmo tempo em que o debate sobre racismo ganha cada vez mais espaço na mídia de massa, em outras esferas é considerado um tema tabu. Na música, porém, ou em outras expressões de arte, é um tema recorrente e de grande relevância. Neste círculo, discutimos sobre esta obra tão importante para o país e toda a complexa temática que aborda. Não é muito legal poder estudar pro vestibular ouvindo rap?

### Considerações finais

Acreditando no mito de que a tecnologia é neutra e sempre positiva, gestores e coordenadores frequentemente realizam grandes investimentos em recursos eletrônicos, sem o acompanhamento de uma reflexão responsiva sobre os impactos dos usos no cotidiano escolar. Também alguns projetos de educomunicação e formação sobre recursos digitais para o ensino se esvaziam quando falta sentido social para a mídia e a tecnologia nos lugares.

No âmbito da educação popular, os desafios para a continuidade das aulas em ambiente virtual, resultaram na procura de teorias e metodologias ativas<sup>8</sup> que pudessem suprir, ao menos em partes, as múltiplas sensações que se dão nos espaços pedagógicos em regime presencial. Os círculos de debates assumem, assim, uma centralidade ainda maior dentro da rede Emancipa considerando esse impasse, sendo mantidos de diferentes formas e estratégias nas mais de 50 unidades espalhadas pelo Brasil.

Aqui podemos explorar duas propostas distintas aplicadas no movimento: a unidade Antônio da Costa Santos (Toninho), em Campinas/SP e a unidade Espaço Bitita Emancipa, em São Paulo/SP. A homenagem a Carolina Maria de Jesus, autora negra, mãe solteira e favelada, e o prefeito de Campinas, Toninho, liderança política de esquerda e pesquisador da urbanização e do urbanismo campineiro, duas grandes personalidades da história do estado de São Paulo, representa a importância da luta social e do acesso ao conhecimento para a educação popular e os trabalhadores.

### Referências bibliográficas

DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas cirandas da vida em Fortaleza-CE**. 2009. 323f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

---

<sup>8</sup> Segundo José Moran (2017: 02), “metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada, híbrida”.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Mais da metade dos inscritos não compareceu para fazer o Enem 2020. **Encontro Atualidades**, 17 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2021/01/mais-da-metade-dos-inscritos-nao-compareceu-para-fazer-o-enem-2020.html>>. Acesso em: 19 de agosto de 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Sujeito, comunicação e cultura. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Eca-Usp/Moderna, n.15, maio/ago, 1999.

MORAN, José. Metodologias e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange Franci Raimundo et al. (Orgs.). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017. p.23-35.

OVIDE, Shira. 'A perfect positive Storm': Bonkers Dollars for Big Tech. **The New York Times**, 29 de abril. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2021/04/29/technology/big-tech-pandemic-economy.html>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2021

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria J. da C. (Org.). **Comunicação pública**. Campinas: Alínea, 2004, p. 34.

PINHEIRO, Lara. Enem 2021 tem 4 milhões de inscritos, menor número desde 2007. **G1**, 15 de julho de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2021/noticia/2021/07/15/enem-2021-tem-4-milhoes-de-inscritos.ghtml>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2021.

URUPÁ, Marcos. Promulgada lei que garante R\$3,5 bi do Fust para conectar professor e aluno da rede pública. **Teletime**, 11 de junho de 2021. Disponível em: <<https://teletime.com.br/11/06/2021/promulgada-lei-que-garante-r-35-bi-do-fust-para-conectar-professor-e-aluno-da-rede-publica/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2021

VERNEK, Iago. O poder das grandes plataformas digitais avança sobre a educação. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 15 de abril de 2021. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-poder-das-grandes-plataformas-digitais-avanca-sobre-a-educacao-no-isolamento-social/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

VERNEK, Iago; MEIRA, Marina; GONSALES, Priscila. A escola no mundo digital: dados e direitos de estudantes. **Carta Capital**, 7 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-escola-no-mundo-digital-dados-e-direitos-de-estudantes/>> . Acesso em: 19 de agosto de 2021.